



## Da Paraíba à Alemanha: Impactos acadêmicos, profissionais e institucionais da Cooperação UFPB–Universidade de Vechta

Mirna Neves Lomanto  Henrique Zeferino de Menezes 

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

\*Autor correspondente. E-mail: hzmenezes@ccsa.ufpb.br

### Resumo

Este artigo analisa os impactos da cooperação acadêmica entre a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a Universidade de Vechta (Alemanha), com foco na mobilidade estudantil. A partir da experiência de 30 alunos da UFPB que participaram do intercâmbio, o estudo identifica efeitos significativos na formação acadêmica, inserção profissional e construção de redes de cooperação. Destacam-se ganhos em competências linguísticas, metodológicas e interculturais, além de redirecionamentos vocacionais. No entanto, os efeitos institucionais e regionais permanecem limitados, sugerindo a necessidade de políticas públicas e estratégias institucionais mais robustas para consolidar a internacionalização como instrumento de desenvolvimento territorial.

**Palavras-chaves:** Internacionalização do Ensino Superior, Mobilidade Estudantil, Cooperação Acadêmica Internacional

### 1. Introdução

A cooperação internacional tem sido tradicionalmente concebida como a coordenação política entre Estados para a promoção de interesses comuns, seja por meio da negociação e adesão a tratados internacionais ou na promoção de iniciativas colaborativas em áreas de interesse (Milner 1992). Para além dessa perspectiva intergovernamental, observa-se também a cooperação voltada à transferência de recursos, expertise e capacidades técnicas, com vistas a enfrentar desafios emergenciais ou promover o desenvolvimento de países parceiros (Alonso 2012).

Nas últimas décadas, no entanto, um campo emergente tem se dedicado à análise da cooperação internacional envolvendo atores não estatais, como organizações da sociedade civil, empresas e instituições científicas em arranjos cooperativos internacionais. Essa perspectiva parte da premissa que outros atores, além dos governos nacionais, são capazes de produzir soluções técnicas inovadoras e contribuir para a formulação de políticas públicas com impactos sociais, econômicos e políticos relevantes.

A cooperação entre instituições de ensino superior, em particular, se enquadra em um universo de análise específico, em razão da função social desempenhada na produção de conhecimento científico e tecnológico e na formação de recursos humanos. A potencialização das capacidades desses atores, por meio da cooperação internacional, pode contribuir para a formação social e humana de indivíduos, promovendo visões mais amplas sobre o mundo e seus desafios, ampliando a diversidade e convivência internacional (Knight 2012). Do ponto de vista acadêmico, ela pode possibilitar o acesso a metodologias inovadoras e experiências formativas distintas, o que fortalece competências profissionais, amplia horizontes de empregabilidade e influencia positivamente a formação para o trabalho.

Além disso, a consolidação dos vínculos entre instituições acadêmicas de diferentes regiões mundo, por meio da cooperação acadêmica, do intercâmbio de pessoas, da troca de recursos e tecnologias, pode gerar efeitos políticos, culturais, sociais e econômicos que extrapolam as atividades ordinárias das universidades. O fortalecimento de laços e a criação de redes de diálogo e colaboração além das universidades tem o potencial de trazer resultados para o tecido social e econômico que as envolve.

A cooperação acadêmica internacional, por diversos meios, dentre eles a mobilidade estudantil, pode ser um instrumento poderoso de transformação da vida de indivíduos, mas também para as sociedades e regiões envolvidas nesse processo por meio da circulação de pessoas e de conhecimentos. Ou seja, a mobilidade acadêmica internacional se constitui como um fenômeno multidimensional, capaz de transcender os limites tradicionais da educação superior e gerar impactos profundos em diversas esferas da sociedade.

Essa dinâmica depende necessariamente do fortalecimento de laços entre instituições acadêmicas em escala global, transformando as universidades em atores-chave do trânsito de pessoas, capazes de influenciar políticas públicas, fomentar a coesão social e dinamizar economias. Entretanto, depende também da capacidade direcionável das instituições de ensino em não tornar essas experiências internacionais individualizantes. Isso exige um trabalho de análise prévio das ações durante a mobilidade, e também posterior, de reafirmação do compromisso estudantil com a ampliação dos saberes através da internacionalização.

O presente trabalho apresenta uma análise acerca da importância da mobilidade acadêmica para a qualidade e diversidade da educação superior e seus efeitos sociais mais amplos, tomando como estudo de caso a cooperação entre a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a Universidade de Vechta, na Alemanha.

Firmado em 2005, o acordo de cooperação entre a UFPB e a Universidade de Vechta, na Alemanha, completa duas décadas em 2025. A iniciativa tem como foco a mobilidade de estudantes de graduação – em especial das áreas de ciências sociais, ciências sociais aplicadas, da comunicação, artes e outras humanidades – promovendo o intercâmbio acadêmico e cultural entre as duas instituições. Anualmente, cinco estudantes da UFPB são acolhidos em Vechta com o apoio de uma bolsa concedida pela universidade alemã, enquanto cinco alunos alemães são recebidos na UFPB.

A partir dessa cooperação, outras iniciativas vêm sendo desenvolvidas, como a oferta de cursos e seminários por professores brasileiros na Universidade de Vechta, o desenvolvimento conjunto de projetos de pesquisa, publicações acadêmicas e cursos

de curta duração. Destaca-se ainda a atuação do professor Dr. Stephan Sandkötter, da Universidade de Vechta, que tem regularmente ministrado cursos e disciplinas na UFPB, fortalecendo ainda mais os vínculos institucionais e acadêmicos entre as duas universidades.

Assim, como mencionado, este artigo analisa os impactos da cooperação acadêmica internacional entre a UFPB e a Universidade de Vechta, na Alemanha, com base na percepção de um universo de 30 alunos que participaram do programa de mobilidade estudantil. Metodologicamente, a coleta de dados baseou-se em questionário estruturado com 36 itens: 30 questões de múltipla escolha e 6 discursivas de curta extensão, permitindo qualificação das respostas. O propósito do questionário é coletar a percepção dos estudantes sobre suas experiências para responder a três questões centrais: (1) de que maneira o intercâmbio contribuiu para o avanço ou qualificação das atividades acadêmicas, de pesquisa e de extensão dos alunos envolvidos; (2) quais os impactos da mobilidade internacional para o desenvolvimento pessoal e inserção profissional; e (3) em que medida a experiência favoreceu a construção de laços de cooperação entre João Pessoa e Vechta, bem como entre o Brasil e a Alemanha.

Este artigo visa então compreender os efeitos individuais produzidos pela mobilidade internacional estudantil, mas também suas possíveis implicações institucionais e regionais, contribuindo para o debate sobre o papel da internacionalização das universidades como estratégia de formação, integração acadêmica e desenvolvimento territorial. Para tanto, o artigo está dividido em duas seções, além desta introdução e das considerações finais. Na seção seguinte, é apresentada uma discussão conceitual acerca dos efeitos da internacional do ensino superior, destacando os impactos potenciais sobre o ensino e a formação acadêmica e profissional e possíveis efeitos da mobilidade sobre a cooperação internacionais descentralizada. Na seção seguinte são apresentados os resultados extraídos dos questionários aplicados. Essa seção se subdivide em três subseções, que espelham os elementos discutidos na seção anterior – os impactos acadêmicos, profissionais e regionais da cooperação acadêmica internacional.

## **2. A internacionalização do ensino superior: Efeitos sobre a formação, qualificação profissional e a cooperação internacional**

A educação superior ocupa um lugar central na formação de cidadãos críticos, profissionais qualificados e sujeitos socialmente engajados. As universidades desempenham papel que vai além da mera capacitação técnica, pois são espaços de construção de identidades, valores e competências sociais. A formação humana e social oferecida pelas universidades ultrapassa, assim, o letramento acadêmico e científico, passando pela convivência com a diversidade e o estímulo à reflexão crítica. Nesse contexto, a internacionalização do ensino superior e, mais especificamente, as ações de mobilidade estudantil, constituem instrumentos importantes para o desenvolvimento de competências acadêmicas interculturais e sociais relevantes. O contato com outras culturas, com sistemas educacionais, línguas e modos de vida diferentes amplia os horizontes dos alunos e tem potencial de contribuir para a construção de uma consciência global.

De acordo com Paige et al. (2009), programas de mobilidade internacional têm impacto positivo no amadurecimento dos participantes, bem como no desenvolvimento de habilidades sociais e na capacidade de tomada de decisão em temas relacionados

à vida e ao trabalho. Do ponto de vista acadêmico, os estudantes em mobilidade têm acesso a outras abordagens pedagógicas e epistemológicas, o que enriquece sua formação intelectual. Ao frequentarem instituições estrangeiras, os alunos entram em contato com diferentes métodos de ensino, práticas de pesquisa e perspectivas teóricas. Essa diversidade epistemológica favorece o pensamento crítico e a capacidade de analisar fenômenos sociais e científicos de maneira mais ampla. A internacionalização acadêmica permite um fluxo mais dinâmico de ideias, conhecimentos e inovações, contribuindo para a qualidade do ensino superior em escala global (Altbach e Knight 2007).

Outro aspecto relevante da internacionalização é sua contribuição para a formação de uma cidadania global. Em um mundo marcado por crescentes desigualdades, ampliadas pelas revoluções tecnológicas e agravadas pelas mudanças climáticas e crises sanitárias, formar estudantes com consciência crítica torna-se uma tarefa urgente. Embora os problemas se manifestem de formas distintas em cada país, eles derivam de uma estrutura sistêmica que sustenta e reproduz contradições e desigualdades, assim como contribui para a conformação de identidades de grupos. A educação é compreendida, nesse contexto, como uma ferramenta para elucidar as questões e demandas de cada território e grupo social. Podemos entender, então, a internacionalização como um mecanismo com potencial de fomentar caminhos que se somem às investidas de rompimento com os processos alienantes.

Essa via de entendimento das ações de cooperação acadêmica internacional necessita de um pressuposto analítico crítico, à medida que propicia o contato de indivíduos com outras realidades de um mesmo tempo histórico e o convívio com aspectos culturais diversos, gerando possibilidades de compreensão que derivam da percepção material da história – criando possibilidades para o surgimento de pessoas que se ocupem de pensar problemas globais. Essa forma de investigação sobre o arranque proporcionado pela ação universitária da mobilidade deve contrariar as expectativas individualistas da experiência.

Em síntese, a internacionalização do ensino superior, por meio da mobilidade acadêmica, representa uma ferramenta poderosa para a formação integral dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento de diferentes competências acadêmicas, profissionais, interculturais e humanas. Por sua vez, a educação superior desempenha também um papel estratégico na preparação de indivíduos para o mundo do trabalho, oferecendo não apenas conhecimentos teóricos e científicos, mas competências essenciais à inserção e permanência no mercado. Assim, em um contexto globalizado, a internacionalização do ensino superior tem ganhado destaque como um fator diferencial na formação profissional, potencializando as chances de empregabilidade e incentivando a continuidade dos estudos, especialmente em programas de pós-graduação.

Entre as principais manifestações da internacionalização da educação superior estão os intercâmbios acadêmicos, os programas de dupla diplomação, a construção de redes de pesquisa transnacionais e a proposição de currículos internacionalizados. Esses processos, ao colocarem os estudantes em contato com novas realidades acadêmicas e profissionais, contribuem significativamente para o desenvolvimento de competências valorizadas no mercado de trabalho contemporâneo.

Em geral, espera-se que estudantes que participam de experiências internacionais

sejam melhor avaliados por apresentarem maior maturidade, independência, abertura a desafios e preparo para atuar em ambientes multiculturais. No mercado privado, recrutadores de empresas recorrem à variante da multiculturalidade em processos seletivos, pois buscam indivíduos que tenham, por meio do convívio imersivo com a diversidade cultural, desenvolvido competências como a inteligência cultural, que podem ser úteis em processos cruciais no meio corporativo.

Além de ampliar as possibilidades de inserção no mercado nacional, a internacionalização também abre portas para oportunidades de trabalho e formação no exterior. Muitos estudantes que realizam intercâmbios durante a graduação estabelecem vínculos com pesquisadores e instituições estrangeiras, o que facilita sua inserção em programas de pós-graduação internacionais.

Outro fator relevante é o impacto da internacionalização sobre a formação científica e a inserção em redes de pesquisa. Estudantes que vivenciam experiências acadêmicas no exterior têm maior exposição a metodologias inovadoras, tecnologias educacionais avançadas e práticas baseadas na interdisciplinaridade Altbach e Knight (2007). A formação para o trabalho na contemporaneidade exige mais do que domínio técnico, demandando competências socioemocionais, capacidade de aprendizagem contínua e uma visão global. Nesse sentido, a internacionalização representa uma resposta institucional às exigências de um mercado dinâmico, no qual profissionais com experiências internacionais são cada vez mais requisitados por empresas que operam em redes transnacionais e ambientes culturalmente diversos.

A educação superior e sua internacionalização são, portanto, instrumentos potentes para o desenvolvimento profissional e a empregabilidade. Ao proporcionar acesso a novas metodologias de ensino, tecnologias educacionais e experiências práticas de atuação acadêmica, a internacionalização contribui objetivamente para uma formação mais completa e conectada com as demandas do mundo do trabalho. Em tempos de transformações rápidas e desafios globais, formar profissionais com visão internacional e sólida base acadêmica não é apenas importante, é indispensável.

Contudo, é preciso considerar que o acesso à internacionalização ainda é marcado por desigualdades econômicas, sociais e regionais, que afetam especialmente estudantes de baixa renda. Barreiras financeiras, linguísticas e institucionais limitam a participação desses grupos em programas de mobilidade acadêmica. Para que a internacionalização não se restrinja a uma elite, é essencial implementar políticas públicas inclusivas e promover o engajamento das universidades na ampliação do acesso, por meio de bolsas de estudo, cursos de idiomas e apoio psicossocial (Beelen e Jones 2015).

A cooperação internacional entre instituições de ensino superior tem efeitos também no estreitamento de laços entre os seus países e regiões. No campo do ensino superior, esse tipo de diplomacia universitária fomenta a construção de redes de colaboração acadêmica entre diferentes instituições dos países-parte. As universidades, ao estabelecerem parcerias internacionais de pesquisa, ensino e extensão, aliadas à circulação de pessoas desses países, atuam como agentes de integração entre suas comunidades locais e o cenário global, promovendo o intercâmbio de conhecimento e a formação de redes transnacionais com efeitos concretos nos territórios que ocupam (Keohane e Nye 1977).

Em especial, quando tais colaborações ocorrem entre instituições localizadas fora

dos grandes centros acadêmicos e urbanos, os impactos podem extrapolar o ambiente acadêmico, produzindo efeitos de integração, inovação e desenvolvimento regional (Knight 2012). Além disso, os efeitos regionais da cooperação internacional se manifestam na criação de redes interinstitucionais que conectam empresas, organizações sociais, governos locais e instituições educacionais. A partir da universidade, essas redes podem estimular outras formas de colaboração, empreendedorismo e intercâmbio cultural entre as regiões envolvidas. Isso é particularmente relevante no contexto de economias locais que buscam alternativas sustentáveis de desenvolvimento e que se beneficiam da atuação da universidade como catalisadora de conhecimento aplicado (Dalbosco 2015).

Contudo, para que tais iniciativas sejam sustentáveis e efetivas, é necessário apoio institucional consistente. Isso inclui políticas públicas que incentivem a cooperação entre universidades periféricas, mecanismos de financiamento adequados e estruturas institucionais que reconheçam e promovam a internacionalização descentralizada como estratégia legítima de desenvolvimento acadêmico e regional. Sem isso, há o risco de que ações de colaboração acadêmica se tornem pontuais, sem produzir transbordamentos para as regiões em que essas instituições estão localizadas. As três dimensões potenciais da cooperação acadêmica – contribuições acadêmicas, impactos nas trajetórias profissionais e estímulo à cooperação internacional – serão analisadas no caso do acordo de cooperação entre UFPB e Universidade de Vechta.

### 3. Análise dos impactos da cooperação UFPB-VECHTA

A composição socioeconômica dos estudantes da UFPB que participaram do intercâmbio acadêmico com a Universidade de Vechta revela elementos importantes sobre os padrões de acesso às oportunidades de mobilidade internacional no âmbito da universidade pública brasileira. A partir das respostas ao questionário, é possível observar que há uma predominância de mulheres entre os participantes: aproximadamente 77% dos estudantes respondentes são mulheres. Esse dado dialoga com uma tendência mais ampla observada no ensino superior, em que a presença feminina tem sido crescente, especialmente nas áreas de ciências humanas, sociais e educação, mais representadas nessa iniciativa de cooperação internacional<sup>1</sup>.

Quanto ao perfil racial dos participantes, 70% dos alunos se autodeclararam brancos e 30% se identificaram como negros – sendo 23% pardos e 7% pretos. Os dados reforçam a desigualdade estrutural reforçada pelas barreiras materiais do acumulado histórico que perpassam a marginalização no acesso a capitais econômicos, culturais e linguísticos necessários para mobilidade internacional. Em contrapartida, ainda que a maioria branca seja expressiva, o percentual de estudantes negros entre os participantes se aproxima da proporção prevista pelas políticas de ação afirmativa da UFPB, o que sugere um certo grau de efetividade no alcance de metas de inclusão racial no contexto da internacionalização. Essa presença, embora ainda minoritária, é especialmente significativa se considerarmos as barreiras estruturais historicamente enfrentadas por estudantes negros no acesso ao ensino superior e, de forma ainda mais acentuada, às

---

1. De acordo com os dados do último ano mulheres estão entre a maioria dos matriculados em universidades no Brasil, representando 57,5% do total de 5,1 milhões de alunos. Entre os universitários prestes a se formar, elas correspondiam a 60,3% (IBGE 2023).

oportunidades de intercâmbio internacional.

No que diz respeito à renda familiar dos estudantes no momento da realização do intercâmbio, os dados apontam para uma realidade bastante heterogênea. Cerca de 16,7% dos respondentes declararam renda familiar superior a 10 salários mínimos, enquanto outros 23% situaram-se na faixa entre 5 e 10 salários mínimos. Em contrapartida, aproximadamente 16% relataram renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos e 10% com renda familiar inferior a 1 salário mínimo. Esse dado revela a presença de estudantes em situação de vulnerabilidade econômica entre os participantes do convênio. Assim, as bolsas atuam como ferramentas de mediação que, mesmo em condições estruturais desiguais, ajudam a romper com ciclos imediatos de exclusão, materializando a presença de um contingente de estudantes de baixa renda em espaços internacionalizados.

De forma geral, os dados revelam uma configuração de participantes que, embora ainda marcada por desigualdades, apresenta sinais de ampliação do acesso e de um esforço institucional da universidade alemã, responsável pela oferta das bolsas de estudos, em promover uma internacionalização mais inclusiva. Esses dados devem ser vistos como um indicativo positivo, especialmente porque o intercâmbio não apenas amplia horizontes acadêmicos, mas também permite oportunidades de acesso a carreiras profissionais potencialmente melhor remuneradas.

### **3.1 Impactos do intercâmbio na qualificação acadêmica dos estudantes**

Com base nas respostas ao questionário, foram identificados dois impactos gerais associados à contribuição do intercâmbio para o avanço ou qualificação em atividades acadêmicas, de pesquisa e de extensão. Seriam eles, o acesso a novas metodologias de ensino e estímulo à autonomia intelectual; e o desenvolvimento de habilidades transversais com impacto sobre as atividades de pesquisa e de extensão. A Tabela 1 apresenta uma síntese analítica das informações coletas sobre essa dimensão particular da análise aqui proposta seguir. Na sequência, analisamos esses impactos com maior profundidade, articulando-os a reflexões mais amplas sobre os processos de internacionalização da formação acadêmica.

#### *3.1.1 Acesso a novas metodologias de ensino e estímulo à autonomia e pesquisa*

A vivência acadêmica na Universidade de Vechta proporcionou aos estudantes brasileiros um contato com modelos pedagógicos distintos, que produziram três tipos de efeitos mais específicos: a) estímulo à autonomia investigativa e à produção científica; b) ampliação de competências acadêmicas e linguísticas; c) reflexão crítica sobre as diferenças entre os modelos educacionais.

Entre os aspectos mais destacados pelos estudantes está a transformação em sua postura diante do aprendizado. Diferentemente do modelo frequentemente expositivo e instrucional predominante no ensino superior brasileiro, os métodos utilizados na Universidade de Vechta favoreceram um envolvimento mais ativo dos alunos na construção do conhecimento. Muitos relataram que o modelo avaliativo baseado em ensaios, apresentações e produção de artigos os incentivou a realizar leituras aprofundadas, a estruturar argumentos com mais rigor e a se engajar em práticas de pesquisa mesmo fora dos currículos obrigatórios.

Tabela 1. Percepção dos intercambistas sobre a contribuição da mobilidade estudantil para o avanço ou qualificação em atividades acadêmicas

Contribuição Geral	Subtemas	Percepções sobre contribuições específicas
1. Acesso a novas Metodologias e Estímulo à Autonomia e Pesquisa	1.1. Estímulo à autonomia investigativa e à produção científica	Prática da escrita acadêmica em formato de ensaio e artigo  Organização pessoal do tempo e planejamento de estudos  Seleção de temas relevantes para pesquisa final
	1.2. Ampliação de competências acadêmicas e linguísticas	Ganho de fluência técnica e científica em idiomas estrangeiros  Acesso a fontes bibliográficas internacionais  Prática de apresentação de conteúdos acadêmicos para públicos diversos
	1.3. Reflexão crítica sobre diferenças entre os modelos educacionais	Reavaliação da própria formação universitária  Identificação de lacunas metodológicas no ensino superior brasileiro  Percepção das potencialidades da própria trajetória acadêmica
2. Desenvolvimento de habilidades transversais com impacto em pesquisa/extensão	–	Desenvolvimento de habilidades interpessoais e comunicativas  Repertório intercultural e sensibilidade a diferentes contextos  Domínio de idiomas aplicados a contextos acadêmicos  Ampliação de redes e experiências extracurriculares

Fonte: Dados da pesquisa, elaboração própria (2025)

Esse deslocamento de uma posição passiva para uma posição ativa na aprendizagem contribuiu significativamente para o amadurecimento científico, segundo os respondentes. Ao mesmo tempo, o intercâmbio reforçou o valor da originalidade, da reflexão independente e do pensamento crítico como pilares de uma formação acadêmica sólida.

A transição da passividade à autonomia investigativa, além de compor-se enquanto distinção metodológica, expressa projetos educacionais distintos. O modelo expositivo brasileiro ancora-se na epistemologia tradicional, reduzindo os educandos a receptáculos passivos de informações depositadas mecanicamente pelo educador, reduzindo o caráter dialético da construção do conhecimento e reforçando os papéis de hierarquia pela transferência unilateral (Freire 2013). Por sua vez, a pedagogia ativa de Vechta aparenta reconhecer o estudante como parte do corpo epistêmico, isso é, um sujeito histórico que através do exercício do dialógico e do incentivo à produção percebe a capacidade de coprodução do conhecimento.

Nesse sentido, pode-se dizer que o intercâmbio funcionou como uma espécie de laboratório de iniciação científica, na qual os alunos vivenciaram práticas investigativas reais, articuladas a uma pedagogia ativa. Em termos de resultados concretos, alguns estudantes relataram ter iniciado projetos de pesquisa próprios, submetido trabalhos a eventos e periódicos ou mesmo ampliado sua atuação em grupos de pesquisa após o retorno ao Brasil.

Outro impacto notável foi a ampliação das competências acadêmicas e linguísticas dos estudantes. A imersão em um ambiente internacional demandou o desenvolvimento de habilidades em leitura, escrita e apresentação científica em inglês ou alemão, idiomas utilizados nas aulas e nos trabalhos. Essa vivência gerou não apenas a ampliação do vocabulário técnico e da fluência acadêmica, mas também o desenvolvimento de competências interculturais fundamentais para a atuação científica.

Para muitos alunos, a experiência marcou o primeiro contato real com práticas acadêmicas fora do Brasil, o que exigiu adaptação aos formatos de produção do conhecimento em outros contextos. Além das habilidades linguísticas, os alunos ampliaram seu repertório acadêmico, ao serem expostos a enfoques teóricos e metodológicos pouco abordados no currículo brasileiro. Essas competências linguísticas e metodológicas adquiridas têm impacto direto na formação acadêmica, porque fortalecem a autoconfiança e tornam os alunos mais aptos a participar de redes e projetos internacionais, além de buscar oportunidades de pós-graduação no exterior.

A convivência com um modelo educacional distinto também gerou um processo reflexivo entre os estudantes, que passaram a reavaliar suas próprias experiências formativas no Brasil. A comparação entre os modelos permitiu que os estudantes identificassem os limites e potencialidades da formação acadêmica em cada um dos países. Para alguns, a experiência em Vechta funcionou como uma “janela de possibilidades” que evidenciou a importância de um currículo mais aberto, plural e voltado para o desenvolvimento de competências críticas. Por outro lado, perceberam a densidade da formação acadêmica recebida no Brasil. Essa percepção evidencia que não obstante as diferenças metodológicas, as instituições de ensino superior alemãs podem se beneficiar da adoção de mecanismos relevantes do sistema educacional brasileiro, o que reitera a importância do intercâmbio técnico-científico.

Por fim, a convivência com colegas de diferentes nacionalidades reforçou o reconhecimento de que a educação é também um espaço potencial de trocas culturais, diálogo e construção coletiva do saber. Esse é um elemento importante no processo de fortalecimento coletivo da cidadania global, em que se manifestam e desvelam-se manifestações particulares da totalidade social que articulam e fundam-se, simultaneamente, de um espectro geral concreto e contraditório.

### 3.1.2 *Desenvolvimento de habilidades transversais com impacto na pesquisa e extensão*

Embora a mobilidade internacional costume enfatizar o conteúdo curricular e as atividades formais, as vivências extracurriculares desempenham um papel igualmente importante na formação universitária. No intercâmbio entre a UFPB e a Universidade de Vechta, essas experiências ampliaram o escopo da aprendizagem e tiveram impactos significativos sobre o desenvolvimento acadêmico, científico e extensionista dos estudantes.

Os dados da pesquisa mostram que atividades extracurriculares como a participação em projetos de extensão e de integração cultural, a realização de trabalho voluntário e visitas acadêmicas e técnicas foram vetores complementares de aprendizado, promovendo outras competências consideradas relevantes pelos respondentes. Além de conectar teoria e prática, essas experiências reforçaram o compromisso dos alunos com temas socialmente relevantes.

A participação em atividades de extensão, como o ensino de idiomas, o apoio a estudantes estrangeiros e a colaboração em eventos acadêmico-culturais, favoreceu a integração com a comunidade universitária internacional e contribuiu para o desenvolvimento de competências variadas. Essas experiências também estimularam a reflexão sobre o papel social da universidade e incentivaram os alunos a internacionalizarem seus próprios projetos. O engajamento em organizações sociais, grupos de apoio a imigrantes e iniciativas comunitárias permitiu vivências concretas com desafios sociais no contexto europeu. Por fim, atividades práticas com visitas a instituições, empresas e centros comunitários, permitiram conexões práticas com os conteúdos teóricos, ampliando o repertório empírico e promovendo a interdisciplinaridade, o que enriqueceu a formação acadêmica e social dos participantes.

Um resultado dessas ações foi o desenvolvimento das chamadas *soft skills* – habilidades transversais cada vez mais valorizadas no mercado de trabalho e em ações sociais (Godoy e Bueno 2025). Essas habilidades são fundamentais para o desempenho em pesquisas, projetos e atividades colaborativas, especialmente aquelas voltadas ao público externo.

Relatos mostram que a sensibilidade intercultural, por sua vez, foi aprimorada pelo contato com diferentes comunidades, grupos sociais e organizações. Ainda que não formalizadas em disciplinas obrigatórias ou estágios supervisionados, a convivência, enquanto prática social concreta, expõe as mediações materiais que constituem os laços coletivos que ampliam as percepções dos indivíduos. Tais experiências constituem uma dimensão essencial da formação universitária ampliada, ética e alinhada aos desafios contemporâneos.

Por fim, ao retornarem ao Brasil, muitos estudantes passaram a desempenhar papéis mais ativos em projetos de iniciação científica, programas de extensão, monitorias e

eventos acadêmicos. A experiência internacional, portanto, revelou-se uma instância formativa, com efeitos duradouros na trajetória acadêmica e social dos participantes.

A análise dos dados coletados junto aos alunos da UFPB que participaram do intercâmbio com a Universidade de Vechta indica que a experiência internacional contribuiu para a qualificação de suas trajetórias acadêmicas. Além do contato com outros modelos de ensino e pesquisa, o intercâmbio favoreceu processos de reflexão e redirecionamento formativo com impactos observáveis na pesquisa e na extensão universitária. Tais experiências não apenas ampliaram a compreensão ética sobre desafios sociais específicos do contexto alemão, mas também promoveram um diálogo crítico com as práticas de extensão vivenciadas no Brasil, enriquecendo a visão dos participantes sobre o papel multidimensional da universidade. Muitos estudantes relataram retornarem mais preparados e engajados, sugerindo que a mobilidade pode atuar como um elemento relevante na formação universitária.

As atividades extracurriculares desenvolvidas em Vechta — como ações de extensão, voluntariado e visitas técnicas — também desempenharam um papel importante na formação ética, social e intercultural dos participantes. Essas vivências ampliaram a compreensão dos alunos sobre o papel social da universidade e reforçaram habilidades ligadas à pesquisa e à atuação em contextos multiculturais. Tais elementos mostram que a internacionalização vai além do ensino formal, envolvendo experiências práticas que podem enriquecer os programas de mobilidade e devem ser consideradas nas políticas institucionais e nas avaliações de impacto.

Este caso demonstra, de forma tangível, que a avaliação do impacto da mobilidade precisa incorporar indicadores qualitativos capazes de captar e interpretar o aprendizado derivado da imersão social e cultural. Além disso, políticas institucionais devem prever recursos e estruturas que permitam o planejamento intencional dessas vivências, fomentem parcerias locais sólidas e as reconheçam devidamente como parte integrante da formação global do estudante.

### ***3.2 Intercâmbio Acadêmico como vetor de transformação profissional: evidências da experiência UFPB–Universidade de Vechta***

A internacionalização da educação superior tem ganhado relevância crescente como um fator estruturante da formação universitária contemporânea. Mais do que uma oportunidade de aprendizado linguístico ou cultural, a experiência de mobilidade internacional vem se consolidando como uma etapa estratégica para o desenvolvimento de competências profissionais e a redefinição de trajetórias acadêmicas. No contexto da parceria entre a UFPB e a Universidade de Vechta, na Alemanha, os dados coletados junto aos estudantes brasileiros que participaram do programa revelam um importante papel do intercâmbio na qualificação e inserção profissional. Os dados coletados revelam que aproximadamente 77% dos respondentes compreendem que a experiência internacional na Universidade de Vechta impactou positivamente sua trajetória acadêmica e profissional, sendo que 63,3% indicam que esse impacto foi extremamente significativo para novas oportunidades de trabalho. Além desses dados, destaca-se a informação de que quase 90% dos respondentes informam que competências adquiridas no intercâmbio são aplicadas nas suas atividades profissionais e acadêmicas (56,7% informam que essas competências são diretamente aplicadas,

enquanto 30%, indiretamente aplicadas).

Ainda, os dados nos permitem analisar e descrever de forma mais direta os setores de atuação dos estudantes após regressarem da experiência em Vechta, como mostra a Tabela 2.

Tabela 2. Impactos estratégicos do Intercâmbio no desenvolvimento profissional por setor de atuação

Setor de Atuação	Descrição	Impacto do Intercâmbio
1. Educação e Ensino de Idiomas	Professores, tradutores e educadores atuando com línguas e culturas, em aulas formais ou particulares.	Ampliação de competências linguísticas, culturais e metodológicas. Reposicionamento no mercado com base no domínio do idioma e familiaridade com metodologias europeias de ensino.
2. Acadêmicos e Pesquisadores em Formação	Estudantes de pós-graduação ou pesquisadores com vínculos institucionais ou autônomos.	Intercâmbio como ponte para a pós-graduação. Acesso a bolsas e universidades estrangeiras, definição de temas de pesquisa e fortalecimento da confiança acadêmica internacional.
3. Setor Público, ONGs e Terceiro Setor	Profissionais envolvidos com diplomacia, migração, refúgio, direitos humanos e voluntariado internacional.	O intercâmbio despertou interesse ou foi pré-requisito para atuação nesse setor. Reforço do engajamento social e profissionalização em áreas como refúgio, direitos humanos e cooperação internacional.
4. Empresas Privadas, Multinacionais e Tecnologia	Profissionais inseridos em empresas de grande porte, comércio exterior, tecnologia e atendimento global.	O intercâmbio proporcionou fluência linguística, repertório internacional e competências interculturais. Elemento diferencial para inserção no mercado global e atuação em ambientes de inovação e tecnologia.

Fonte: Dados da pesquisa, elaboração própria (2025).

Os dados analisados revelam que o intercâmbio acadêmico teve impactos distintos e significativos em diferentes setores de atuação profissional. No campo da educação e ensino de idiomas, os participantes relataram aprimoramento de competências linguísticas, culturais e metodológicas, além de um reposicionamento no mercado com base no domínio de idiomas estrangeiros e familiaridade com o modelo alemão de ensino. Entre acadêmicos e pesquisadores em formação, o intercâmbio funcionou como uma ponte para a pós-graduação, facilitando o acesso a universidades estrangeiras e bolsas de estudos, além de aumentar a confiança em ambientes acadêmicos internacionais. No setor público e terceiro setor, o intercâmbio foi decisivo para despertar o interesse ou cumprir pré-requisitos para a atuação profissional, além de reforçar o engajamento social e a qualificação em áreas como refúgio, direitos humanos e cooperação internacional. Já no setor privado, especialmente em empresas multinacionais, de tecnologias e comércio exterior, os participantes destacaram que a experiência internacional fa-

voreceu o desenvolvimento de fluência linguística, repertório global e competências interculturais, tornando-se um diferencial para a inserção e atuação em contextos inovadores e altamente competitivos.

Os dados nos permitem ainda analisar os impactos para a formação profissional não apenas pela forma objetiva de inserção direta no mercado de trabalho, mas como a experiência internacional contribuiu para o processo de inserção ou readaptação. Foram identificados quatro grandes padrões de impacto: (1) inserção profissional internacional e em ambientes multiculturais; (2) aplicação de competências linguísticas e culturais no mercado de trabalho; (3) continuidade acadêmica orientada pela experiência internacional; e (4) desenvolvimento de habilidades transversais e redirecionamento profissional.

### 3.2.1 *Inserção profissional internacional e em ambientes multiculturais*

O primeiro grupo de impacto identificado é composto por estudantes que, após o intercâmbio, passaram a trabalhar diretamente no exterior, especialmente na Alemanha, ou em contextos profissionais marcados pela internacionalização, como consulados, organizações não-governamentais transnacionais, empresas multinacionais e instituições com forte presença estrangeira.

Esses estudantes apontam a experiência de mobilidade como um divisor de águas em suas trajetórias profissionais. O intercâmbio funcionou como um diferencial competitivo em processos seletivos e oportunidades de ascensão. Em muitos casos, a estadia em Vechta foi mencionada como pré-requisito para vagas ou bolsas, em razão do domínio da língua alemã ou da experiência internacional adquirida.

Alunos que passaram a atuar em ONGs de acolhimento de refugiados, em setores administrativos ou educativos de consulados, ou mesmo em empresas multinacionais com filiais na Europa, indicam que o intercâmbio contribuiu para a construção de perfis profissionais qualificados e direcionados para operar em ambientes complexos, multiculturais e multilíngues. Esse grupo mostra também que o acesso à carreira internacional está profundamente relacionado à imersão cultural e linguística vivida durante o intercâmbio. Diante das demandas do mercado de trabalho globalizado, o caso dos egressos da mobilidade UFPB-Vechta revela uma tendência: mais do que um conhecimento técnico ou acadêmico específico, o que se destacou foi a capacidade dos estudantes de lidar com a diversidade, adaptar-se a contextos diferentes e estabelecer redes interpessoais eficazes.

### 3.2.2 *Aplicação de competências linguísticas e interculturais no trabalho*

O segundo grupo de impacto diz respeito àqueles alunos que, mesmo permanecendo no Brasil, passaram a utilizar competências linguísticas e culturais adquiridas em Vechta em suas práticas profissionais cotidianas, exemplificando a conversão do capital intercultural e linguístico adquirido em Vechta em capital profissional tangível. Esse grupo inclui professores de idiomas, tradutores, profissionais de atendimento a empresas internacionais, consultores e colaboradores em projetos multilíngues ou com atuação estrangeira.

Esses relatos reforçam a ideia de que o intercâmbio potencializa a empregabilidade, não apenas por meio do acesso a vagas diretamente internacionais, mas também pela

valorização de *soft skills* e competências comunicativas que o mercado de trabalho contemporâneo exige, especialmente em setores ligados à educação, tecnologia, comércio exterior e serviços. Exemplos de ex-intercambistas que hoje atuam como professores de inglês ou alemão, tradutores *freelancers*, analistas de atendimento a clientes europeus, ou integrantes de projetos de inteligência artificial multilíngue mostram a ampla aplicabilidade prática das habilidades adquiridas.

Este grupo evidencia que o intercâmbio cria capital cultural e linguístico transferível para diferentes áreas profissionais, mesmo quando não há uma vinculação direta com o ambiente acadêmico. A internacionalização da formação, nesse caso, funciona como catalisadora de trajetórias que exigem domínio técnico, sensibilidade intercultural e capacidade de adaptação a realidades multilíngues

### 3.2.3 *Continuidade acadêmica e pesquisa orientada pela experiência internacional*

O terceiro grupo de impacto envolve aqueles estudantes que, ao final do intercâmbio, deram continuidade à formação acadêmica por meio de mestrados, doutorados e projetos de pesquisa com temáticas relacionadas, direta ou indiretamente, à vivência em Vechta. Alguns relataram que a experiência no exterior foi não apenas um critério técnico para acesso a programas de pós-graduação, mas também um fator motivacional para o aprofundamento acadêmico.

Esse padrão revela que o intercâmbio atua como fator de inflexão acadêmica, ampliando o repertório temático e metodológico dos alunos e fortalecendo a construção de uma trajetória científica de perfil internacionalizado. Em alguns casos, os estudantes passaram a desenvolver atividades de docência, pesquisa e extensão com forte dimensão intercultural, organizando inclusive eventos com base em suas redes de contato internacionais. Há também relatos interessantes de oportunidades para retornar à Alemanha como bolsistas de diferentes instituições e programas acadêmicos.

Nesse cenário, a mobilidade internacional configura-se como uma possibilidade de investimento acadêmico estratégico. Além de viabilizar inserção transnacional, possibilita a produção de redes colaborativas e repertórios acadêmicos que perduram além da graduação, materializando-se na continuidade da trajetória científica e na geração de conhecimento. Essa dinâmica revela a importância de criar e fortalecer mecanismos de apoio contínuo para egressos que ingressam na pós-graduação.

### 3.2.4 *Desenvolvimento de habilidades transversais e redirecionamento profissional*

O último grupo identificado na pesquisa se refere a participantes que não utilizam diretamente os conhecimentos técnicos adquiridos em Vechta em suas atuações profissionais, mas que destacam impactos subjetivos e formativos altamente significativos. Trata-se de um grupo cuja experiência no intercâmbio impulsionou um redirecionamento temático ou profissional, a partir da incorporação de competências fundamentais para o mundo do trabalho contemporâneo.

Habilidades como autoconfiança, organização pessoal, empatia, resiliência, capacidade de adaptação e comunicação interpessoal foram mencionadas. Imersos em um contexto cultural e linguístico completamente distinto, com redes de apoio reduzidas e diante dos desafios colocados pela condição de estrangeiro fora de sua terra natal, a mobilidade surge para os respondentes como um momento importante na trajetória

pessoal dos estudantes. Em diversos relatos, os alunos apontam que o intercâmbio foi um momento de autoconhecimento, enfrentamento de desafios e amadurecimento pessoal – experiências que os tornaram mais preparados para tomar decisões profissionais estratégicas, como mudar de área de atuação, buscar novas formações ou até mesmo migrar para países diferentes.

Além disso, alguns participantes relataram que a experiência em Vechta despertou interesses novos, como o trabalho em organizações do terceiro setor, trabalhar com temas sociais ou com educação e ensino de línguas estrangeiras, promovendo uma reorientação vocacional. Esse grupo nos mostra que o impacto profissional do intercâmbio não se limita à sua dimensão técnica ou curricular. A vivência intercultural também funciona como uma experiência de transformação subjetiva, a partir da vivência social e coletiva em que se amplia o repertório cultural pelas práticas e situações de sociabilização, que amplia o leque de possibilidades existenciais e profissionais dos alunos, promovendo perfis mais críticos, flexíveis e comprometidos com realidades diversas — características que o mundo do trabalho valoriza cada vez mais.

A análise dos impactos do intercâmbio UFPB–Vechta confirma que a mobilidade internacional desempenha um papel estruturante na formação de perfis profissionais globalmente inseridos, academicamente qualificados e socialmente conscientes. Os dados revelam efeitos diretos e duradouros na inserção no mercado de trabalho, na definição de trajetórias acadêmicas e na ampliação de competências culturais e emocionais, com impacto tanto na atuação profissional quanto cidadã. Mais do que uma oportunidade educacional, o intercâmbio se mostra um instrumento estratégico de desenvolvimento, inovação e cooperação internacional, cuja consolidação representa um investimento com efeitos significativos nas carreiras profissionais.

### ***3.3 A Cooperação Internacional descentralizada a partir da Mobilidade Estudantil: limites e potencialidades da experiência UFPB–Vechta***

Um dos principais desafios que emergem desta pesquisa com os intercambistas brasileiros na Universidade de Vechta é avaliar até que ponto essa experiência individual também contribuiu para a construção de laços institucionais e regionais mais duradouros entre as cidades de João Pessoa e de Vechta, entre as regiões e mesmo entre Brasil e Alemanha. Esse questionamento parte da premissa de que a cooperação entre atores não estatais, como no caso da cooperação acadêmica entre duas importantes universidades para as regiões onde estão localizadas, pode levar à criação de outros e mais duradouros vínculos – sociais, empresariais etc – entre essas regiões.

A partir dos dados coletados, constata-se que, embora existam casos emblemáticos de engajamento em iniciativas bilaterais e instâncias de cooperação, os números gerais indicam baixa articulação entre a mobilidade estudantil e ações institucionais de cooperação internacional mais amplas ou robustas entre as regiões. A partir disso, discutimos os fatores estruturais que limitam esse tipo de articulação, ao mesmo tempo em que destacamos os potenciais expressivos que podem ser fortalecidos por meio de políticas públicas, estratégias universitárias e ações multissetoriais. Os dados obtidos por meio de questionário revelam um panorama ambivalente. Quando perguntados se, após o intercâmbio, colaboraram diretamente com projetos ou parcerias entre instituições brasileiras e alemãs, apenas 26,7% dos estudantes responderam positivamente. Já sobre

participação em eventos, contratos ou iniciativas científicas com foco na cooperação Brasil-Alemanha, o número sobe um pouco, atingindo 33,3% de respostas afirmativas.

Por sua vez, a maioria dos participantes não acredita que a experiência internacional tenha contribuído para ações de internacionalização da cidade de João Pessoa ou do Estado da Paraíba. Essa percepção revela uma dissociação entre as transformações individuais no campo acadêmico e do trabalho proporcionadas pela mobilidade estudantil e sua capacidade de gerar impactos estruturais em escala regional ou institucional.

Essa constatação não deve, contudo, ser interpretada como uma negação do valor da experiência. Ao contrário: ela aponta para os limites da mobilidade acadêmica enquanto política isolada para a construção de vínculos duradouros entre universidades, cidades ou países, requerendo uma articulação com outras políticas públicas, de gestão universitária e iniciativas do setor produtivo.

É importante reconhecer que, embora o intercâmbio entre universidades possa estimular e inspirar ações de cooperação mais amplas e duradouras, esse tipo de efeito não é automático, tampouco garantido. A transição entre a formação individual e o fortalecimento de laços institucionais depende de uma série de outras estratégias e iniciativas.

Em primeiro lugar, a própria universidade deve atuar como ponte ativa entre seus ex-alunos e oportunidades de cooperação, fortalecendo estruturas como núcleos de pesquisa e de relações internacionais, escritórios de transferência de tecnologia e redes de ex-alunos. Nesse sentido, o acompanhamento das trajetórias pós-intercâmbio pode gerar conexões importantes entre as experiências vividas e os objetivos estratégicos da instituição.

Em segundo lugar, deve-se buscar a construção de políticas públicas de internacionalização em nível estadual e municipal. O envolvimento de secretarias de desenvolvimento econômico, cultura, ciência e tecnologia, bem como a articulação com o setor produtivo, é essencial para que a expertise dos ex-intercambistas seja canalizada para ações concretas de cooperação, atração de investimentos, promoção de exportações, eventos internacionais e desenvolvimento de projetos binacionais.

Por fim, é necessário considerar que a cooperação internacional regionalizada requer continuidade, institucionalidade e planejamento de longo prazo, indo além da boa vontade individual. Para que uma experiência de mobilidade se transforme em cooperação técnica, acadêmica ou econômica entre regiões, é preciso haver um ecossistema de apoio, com incentivos, programas de financiamento, missões institucionais e redes multilaterais de colaboração.

Apesar das limitações apontadas, a pesquisa identificou casos concretos nos quais a experiência de intercâmbio funcionou como catalisadora de ações bilaterais relevantes, especialmente no plano local e regional. Esses exemplos mostram que, mesmo quando a cooperação institucional ampla ainda não se consolidou, ações pontuais podem gerar impactos simbólicos e práticos importantes. Um relato significativo envolve a participação de um ex-intercambista em rodadas de negócios em João Pessoa, na qual teve a oportunidade de negociar em alemão com empresários da Alemanha, em evento promovido pelo PEIEX-PB (Programa de Qualificação para Exportação), da Apex-Brasil, em parceria com a Abimóvel (Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário).

Outro caso relevante envolve um participante que, após retornar da Alemanha, atuou junto ao Centro Internacional de Negócios da Federação das Indústrias da Paraíba (FIEPB), iniciando ali sua carreira profissional. Um terceiro exemplo foi a participação de um ex-aluno na visita oficial do Cônsul-Geral da Alemanha, Johannes Bloos, a João Pessoa em 2023, que incluiu reuniões com a Prefeitura, o Governo do Estado e a FIEPB.

Esses casos demonstram que, ainda que restritos em número, os efeitos do intercâmbio podem irradiar-se para além da trajetória individual, influenciando diretamente espaços estratégicos da economia, da diplomacia e da gestão pública. Essas iniciativas configuram-se como núcleos embrionários de cooperação internacional descentralizada, cujos desdobramentos efetivos condicionam-se à sustentação por arcabouços institucionais e compromissos políticos permanentes.

Apesar dos percentuais ainda modestos de participação em ações bilaterais, os dados revelam impactos razoáveis do convênio UFPB-Vechta, especialmente em um contexto com baixa institucionalização da internacionalização. O envolvimento de mais de um quarto dos alunos em parcerias e de um terço em eventos científicos Brasil-Alemanha aponta para um potencial estratégico em construção. Além disso, muitos manifestaram disposição para colaborar com iniciativas de cooperação, mesmo sem oportunidades concretas, o que pode ser mobilizado por políticas institucionais.

Nesse cenário, a experiência de intercâmbio entre a UFPB e a Universidade de Vechta revela um duplo caráter: é ao mesmo tempo uma vivência transformadora individual e uma evidência dos limites estruturais da mobilidade estudantil como ferramenta isolada de cooperação internacional descentralizada. Para que essa cooperação se consolide, é necessário o engajamento articulado de universidades, governos e sociedade civil, com políticas públicas consistentes e investimentos duradouros. O intercâmbio deve ser compreendido como ponto de partida para uma diplomacia universitária e cultural descentralizada, capaz de fortalecer laços entre regiões do Sul global e parceiros estratégicos internacionais.

#### 4. Considerações finais

Este estudo analisou os impactos da cooperação acadêmica internacional entre a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a Universidade de Vechta (Alemanha), com foco na mobilidade estudantil. O estudo baseou-se na percepção de 30 discentes brasileiros participantes do programa, que responderam questionário específico para coleta de dados sobre a experiência na universidade alemã. Os resultados evidenciam que a experiência contribuiu para transformações acadêmicas, profissionais e potencializa vínculos institucionais, ainda que com limitações estruturais.

As principais conclusões são sintetizadas em três dimensões. Na dimensão dos impactos acadêmicos e formativos, o intercâmbio proporcionou qualificação da formação ao oferecer acesso a metodologias pedagógicas ativas que contrastam com modelos expositivos predominantes no Brasil. Essa exposição estimulou maturidade científica, originalidade e pensamento crítico nos estudantes. Além disso, ampliou competências e habilidades linguísticas, além de maior repertório teórico-metodológico, o que facilitou sua inserção em redes globais de pesquisa. A imersão também permitiu uma reflexão crítica sobre lacunas e potencialidades dos sistemas educacionais brasileiro

e alemão, reforçando a educação como espaço da construção coletiva e dialógica do saber.

Quanto aos impactos profissionais e de inserção laboral, 77% dos participantes atribuíram impacto "significativo" ou "muito significativo" às suas trajetórias. Competências interculturais, fluência linguística e experiência internacional funcionaram como diferenciais competitivos em setores diversos: educação e ensino de idiomas; atuação no setor público e em ONGs (atuando em cooperação internacional, com foco significativo no campo dos direitos humanos); trabalho em empresas multinacionais (comércio exterior e tecnologia); e continuidade da formação em cursos de pós-graduação (facilitando acesso a bolsas e inserção em redes internacionais). A vivência também fomentou o amadurecimento dos estudantes e reflexões sobre as próprias trajetórias, levando a redirecionamentos profissionais, como migração para o terceiro setor ou áreas sociais.

No entanto, o estudo revela também o potencial e algumas limitações da mobilidade estudantil no fomento da cooperação descentralizada. Os efeitos institucionais e regionais mostraram-se limitados: apenas 26,7% dos egressos participaram de projetos binacionais após o intercâmbio, e a maioria não percebeu impactos diretos na internacionalização de João Pessoa ou da Paraíba, indicando certa dissociação entre transformação individual e articulação regional. Fatores como falta de sistematização de políticas públicas articuladas, financiamento contínuo, redes pós-mobilidade e baixa institucionalização da cooperação descentralizada são limitantes. Revela-se a essencialidade da articulação multisetorial, envolvendo universidades, governos municipal/estadual, setor produtivo e sociedade civil, assim como, de políticas de continuidade para que a mobilidade concretize de forma permanente as redes de cooperação.

A relevância das políticas de apoio financeiro merece destaque. As bolsas concedidas pela Universidade de Vechta são decisivas para a inclusão de discentes de baixa renda (26% com renda familiar 2 salários mínimos). Esse mecanismo demonstra que suporte econômico estruturado é condição fundamental para a democratização efetiva da internacionalização, especialmente no contexto brasileiro, marcado pela redução de programas de fomento à mobilidade acadêmica nas últimas décadas. Sem tais incentivos, os ganhos tangíveis discutidos neste estudo permanecem majoritariamente restritos a estratos sociais com maior acesso a renda. As bolsas, portanto, configuram-se como instrumento equalizador imprescindível, viabilizando oportunidades que, conforme evidenciado, transformam trajetórias profissionais e acadêmicas e potencializam impactos institucionais.

Em conclusão, a cooperação UFPB-Vechta evidencia que a mobilidade estudantil é um vetor poderoso capaz de qualificar trajetórias acadêmicas e profissionais mediante exposição a novos repertórios epistemológicos, linguísticos e culturais. Contudo, seu potencial como instrumento de cooperação internacional descentralizada depende da superação de desafios estruturais. Para além de "experiências de vida", os intercâmbios devem articular-se a políticas sistêmicas que convertam ganhos individuais em projetos coletivos, contribuindo para que as universidades se ocupem dos papéis de agentes efetivos de integração global e desenvolvimento territorial.

Espera-se que esse artigo contribua com a sistematização dos estudos sobre os

processos de internacionalização acadêmica, valorizando e impulsionando as iniciativas que são fruto do movimento histórico de mobilização para a construção do ensino socialmente referenciado. Apesar das limitações inerentes a programas dessa natureza, os ganhos advindos da mobilidade acadêmica são inegáveis e significativos. Espera-se, portanto, que esta análise não apenas valorize os resultados alcançados, mas também impulsiona futuras ações que, ao aprofundarem a compreensão sobre esses processos, consolidem a internacionalização (e a democratização do acesso a essa) como um pilar fundamental para a formação de cidadãos globalmente conscientes e engajados com o desenvolvimento social.

## Referências

- Alonso, José Antonio. 2012. *From Aid to Global Development Policy*. Relatório técnico, DESA Working Paper 121. United Nations Department of Economic and Social Affairs (DESA).
- Altbach, Philip G. e Jane Knight. 2007. The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities. *Journal of Studies in International Education* 11 (3-4): 290-305.
- Beelen, Jos e Elspeth Jones. 2015. Redefining Internationalization at Home. Em *The European Higher Education Area: Between Critical Reflections and Future Policies*, editado por Adrian Curaj et al. Dordrecht: Springer.
- Dalbosco, Cláudio Almir. 2015. Educação superior e os desafios da formação para a cidadania democrática. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)* 20:123-142.
- Freire, Paulo. 2013. *Pedagogia do Oprimido*. 50ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Godoy, Kevin e Janaina Maria Bueno. 2025. A experiência da mobilidade internacional voluntária-acadêmica ou profissional-no desenvolvimento de competências interculturais. *Revista de Carreiras e Pessoas* 15 (1): 97-117.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2023. *Estatísticas de Gênero: Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro. Acedido em 20 de julho de 2025. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102100>.
- Keohane, Robert O. e Joseph S. Nye. 1977. *Power and Interdependence: World Politics in Transition*. Boston: Little, Brown / Company.
- Knight, Jane. 2012. Concepts, Rationales, and Interpretive Frameworks in the Internationalization of Higher Education. Em *The SAGE Handbook of International Higher Education*, editado por Hans De Wit et al. Thousand Oaks: SAGE.
- Milner, Helen. 1992. International Theories of Cooperation among Nations: Strengths and Weaknesses. *World Politics* 44 (3): 466-496.
- Paige, R. Michael et al. 2009. Study Abroad for Global Engagement: The Long-Term Impact of Mobility Experiences. *Intercultural Education* 20 (S1): S29-S44.